

APRESENTAÇÃO

O vol.6, n.1, da Revista Grau Zero, organizada pelos estudantes do Programa de Pós –Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (Campus II) tem como proposta temática *Literatura, Resistência e Revolução*, pensando acerca das formas de resistência que somos postos a prova no cotidiano, circunscrevendo as transformações políticas, ideológicas e literárias contemporâneas emergentes dos enfrentamentos políticos e sociais por revoluções que se aproximem do coletivo.

O dossiê temático pautou-se em estabelecer um diálogo entre os múltiplos argumentos e análises críticas sobre narrativas que modulam o passado e o presente, possibilitando o questionamento das tensões e fissuras que marcam os vários sentidos da resistência em diversos campos do saber, como na educação, nas ciências humanas, nas mídias, nas artes, diante da emergência de novas subjetividades presentes no jogo político e ideológico contemporâneo. Sob esta perspectiva, no conjunto de artigos, resenha e entrevistas apresentadas neste número temos o ensejo reflexivo capaz de se pensar o ato de resistência e sua inflexão na subjetividade em expressividades contemporâneas nos mais diversos meios como a literatura, as diversas artes visuais, a expressividade popular, bem como a miríade de objetos de fruição na sociedade e na cultura contemporânea.

No artigo que abre este número, intitulado *Maria Firmina dos reis e Carolina Maria de Jesus: duas resistentes Marias na literatura afro-feminina*, Dênis Moura de Quadros apresenta um quadro comparativo das escritoras Maria Firmina dos Reis (1825-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977), pensando o dessilenciamento da escrita literária afro-feminina como ato de resistência, uma vez que, raça, gênero e localidades geográficas implicam na construção dos cânones. Sob tal exegese, e a partir do conceito de ginocrítica, o autor ela-

bora uma potente hipótese de leitura, na qual assinala que o local de fala dessas escritoras e sua autorrepresentação rompem com estereótipos sociais que as menosprezam e deslegitimam seus discursos.

Partindo de uma análise comparativa entre dois romances, em *Análise comparada entre os romances Robinson Crusóé de Daniel Defoe e Foe de J.M Coetzee: O lugar de fala, as relações de poder sob as perspectivas de Susan e Friday* a autora Juliana Barbosa da Costa apresenta sua análise das problemáticas encontradas em Defoe e sua releitura narrativa em Foe, pondo em evidência a reflexão acerca da impossibilidade de representação “do outro”, e da importância de se atentar para as diferentes perspectivas e pontos de vista, principalmente dos ditos subalternos. Ao decorrer do texto, a autora contrapõe as narrativas e narradores dos romances, desvelando os procedimentos de apagamento da voz e da alteridade – do outro colonial e do outro feminino – em detrimento da centralização da narrativas consideradas de maior valor.

Ampliando ainda mais o escopo, e por consequência, as implicações na crítica da escrita feminina, o artigo *A comparative study between the female characters in The Storm and The Story of an Hour by Kate Chopin* disserta sobre os atos de resistência feminina no contexto social do século XIX, compreendendo a escrita como forma de enfrentamento as configurações familiares e demais construtos sociais baseados na submissão entre sujeitos. Deste modo, as análises apontam para narrativas que subscrevem mulheres independentes e capazes de sobreviver sem o apoio de qualquer figura tutelar.

Em *Corpo terra, sujeito feminino e resistência pós-colonial: estratégias de resistência na poesia de Maria Alexandre Dáskalos, Odete Semedo e Conceição Lima*, Ruan Nunes elabora uma tessitura analítica das estratégias de resistência na escrita de Maria Lexandre Dáskalos, Odete Semedo e

Conceição Lima dentro do contexto pós-colonial. Ao traçar uma argumentação entre gênero e poesia, trazendo a posição da mulher dentro de sociedades pós-coloniais, o artigo supracitado analisa as críticas frente ao cenário político de seus países de origem após o período de independência se posicionando em múltiplas identidades. O autor demonstra na escolha das autoras africanas de língua portuguesa uma forma de ratificar a resistência que emana nas escritas dessas poetisas, questionando também uma parte dos escritores africanos que fazem parte de um cânone ignorado. Em tais escritas fica evidente que é na escrita que as mulheres não permitiram ser apagadas da sociedade angolana.

Sob a perspectiva da teoria literária, o artigo *E agora, José? – A literatura marginal e a formação de grupos identitários* problematiza a formação de grupos identitários por meio do termo literatura marginal utilizados por autores das periferias a partir dos anos 2000. Ao longo de sua análise, o autor Henrique Moura parte da inquietação de se identificar até que ponto o autor rotulado como periférico tem possibilidade de se expressar enquanto escritor sem haver uma imposição mercadológica e homogeneizadora de perspectivas que subscreve uma literatura sob questões relativas apenas ao universo da periferia.

Partindo do diálogo entre erotismo, experiência estética e religiosidade, pactuados com a perspectiva da experiência interior presente no pensamento de Georges Bataille, *Arte e experiência interior: uma visão da experiência estética a partir do erotismo em Georges Bataille* propõe uma análise da possibilidade de uma estética da existência com base na doutrina cristã ao analisar o livro *Surpreendido pela Alegria* de Clive Lewis. O autor João Lucas levanta a problemática de que, embora representem um avanço para a discussão da realidade contemporânea, o paradigma culturalista e materialista, em certo sentido, inviabilizou a dimensão da experiên-

cia interior causando uma espécie de esvaziamento sobre a constituição do sujeito.

No último artigo deste número, *Walter Benjamin e a reprodutibilidade técnica: uma leitura dos booktubers na internet* Andréa Paula incrementa às abordagens atuais – sobre o locus e status da crítica literatura frente ao mercado editorial e tecnológico – uma perspectiva dialógica de se pensar os percalços e a potencialidades da incisão mercadológica e tecnicista com a difusão da leitura cerrada do texto literário, bem como do pensamento crítico a partir de plataformas digitais e imagéticas. Para tanto, a autora toma como objeto de escrutínio os booktubers, reconhecendo que no momento hodierno o texto literário, reconhecido e utilizado como uma das grandes instâncias de poder, perde seu papel de centralidade e entra em concorrência com outras artes e aparelhos tecnológicos como a televisão e o cinema, em meio a transformações sociais, políticas e culturais. Nesta perspectiva, o referido artigo busca pensar o ponto de convergência da modificação entre outras áreas do conhecimentos, bem como da própria crítica literária no processo de tecnização.

Em sequência, na última seção trazemos a resenha do livro “Teoria King Kong”, da escritora francesa Virginie Despentes, e três entrevistas sobre os modos de resistência sob o crivo literário.

Juliana Miranda, com a resenha do livro *Teoria King Kong*, discorre a visão de Despentes sobre sexo, sexualidade, estupro e prostituição – utilizando sua experiência como stripper e ex-prostituta – para marcar seu lugar de fala e resistência frente a sociedade machista, patriarcal, refletindo e aflorando um ponto de vista sensato e frio a respeito desses tabus que imbricam nestas questões de estigmas sociais que perpassam a questão de gênero arraigadas na nossa sociedade. Aqui, a ideia de uma reflexão crítica sobre a violência física feminina é apontada pela autora como forma de aplicabilidade da demonização do sexo e sua consequência, para

esse processo, seu relato autobiográfico evidencia e fisga o leitor para vislumbrar um olhar atento, cuidadoso e criterioso para as questões de violência sexual cotidiana que por vezes são veladas e silenciadas. Perpassando diversas concepções e desdobramentos do fenômeno de escrita autobiográfica, o livro aponta para os diversos olhares desvelados para esse tema de violência sexual feminina – física e emocional –, sob uma perspectiva social, ideológica, indicando que um método de enfrentamento para essa questão tão ampla é aquela que evidencia para uma prática social, complexa e crítica.

Na primeira entrevista, concedida a Edisvânio do Nascimento Pereira, a profa. Doutora Rosane Meire Vieira de Jesus apresenta ponderações sobre a potencialidade da literatura, e da arte de modo geral, em consonância com as inquietações provenientes das diversas leituras e experiências de luta enquanto professora negra, feminista e militante dentro da academia. Ao decorrer da entrevista, Rosane Vieira transpõe em seu discurso o pensamento crítico e equânime sobre a literatura e sociedade de modo mais amplo, ao salientar que enquanto obra de arte, a literatura pode sim revolucionar, não no sentido de uma revolução teleológica, mas como conflagração cotidiana de mudança de estruturas sociais ao pensar suas atualizações.

Na segunda entrevista, realizada por Pollyanna Araújo Carvalho e Fabiane Fernandes Guimarães, temos um interessante diálogo com a profa. Doutora Amara Moira, escritora do livro *Se eu fosse puta*. Na entrevista, Moira desvela aos interlocutores as fissuras de sua militância no âmbito social, político e acadêmico, ao pronunciar-se sobre as dissidências de uma sociedade de preceitos ainda excludentes e patriarcais. Sob tal conjuntura, a entrevistada nos leva a pensar sobre os modos de representação das narrativas de pessoas consideradas à margem do construto social, bem como os modos de enfrentamento às múltiplas inconformidades – sejam nas relações interpessoais, ou mesmo sob o artefato e

crítica literária desarticulada as discussões feministas, anti-racista e comprometidas com um projeto democrático de sociedade.

E para fechar este volume, Marcelise Assis realiza uma entrevista intitulada *A literatura como um jeito de corpo* com o poeta Douglas de Almeida, o qual aborda sua vivência enquanto produtor cultural na cidade de Salvador, descrevendo a militância diária por meio do artifício da performance poética de cunho político, com o intuito de alavancar o senso crítico dos passantes a respeito das problemáticas cotidianas. Destarte, o ato reflexivo do lampejo imagético e performático da realidade brasileira, desvela a potência de artifícios diversos – podendo ser um deles a literatura – como forma de resistência e revolução.

Enfim, o tema apresentado nesse dossiê abarca leituras que pensam a palavra, as narrativas e “literatura” em sentidos amplos e possíveis para a resistência frente às novas emergências no campo da política, da comunicação e da educação. Debater e confrontar a concepção de resistência que perpassa os diversos campos das ciências humanas talvez seja um dos poucos meios de transformação crítica, particularmente em relação as formas como esse termo foi e é pensado no chamado campo linguístico literário. Ademais, ao aproximar temas e pesquisadores de diversas áreas para a reflexão proposta acerca dos retratos de resistência na amalgama social, política e cultural, pretendemos proporcionar uma leitura de possíveis ensejos para críticas futuras e demais abordagens no campo das humanidades e estudos literários.

A todos, uma proveitosa leitura!

Pollyanna Araújo Carvalho
Jonathas Martins Nunes